

IGREJA DE SÃO ROQUE

É muito antiga a devoção do povo português a São Roque de Montpllier.

Este Santo, nascido em meados do séc. XIV, é o Patrono dos cangalheiros. A sua festa é celebrada no dia 16 de Agosto. Ficou órfão muito cedo. Desfez-se dos seus bens em favor dos pobres e dos hospícios. Partiu depois para Roma como peregrino. No regresso, dedicou-se a cuidar dos pestíferos, tendo, segundo se crê, contraído essa terrível doença. Diz-se que, abandonado por todos, era alimentado por um vizinho, que lhe enviava um pão pelo seu cão.

Curado da doença que o atormentara, regressou à sua terra... mas ninguém o reconheceu. Confundido com um espião, foi preso e, mais tarde, morreu no cárcere. De acordo com uma outra versão, terá morrido na Lombardia, no ano de 1397.

São Roque é iconograficamente representado vestido de peregrino, com um bordão, chapeirão, cabaça e sacola. Na coxa, mostra o bubão pestífero. A seu lado, o cão que lhe levava a comida. Nalguns casos, é representado com a rela dos leprosos.

A propósito da devoção a São Roque, escutemos Francisco Carvalho Correia:

É tardio o culto de S. Roque. Começou a partir de Montpellier, sul da França, donde, segundo a lenda, o santo era natural. Não se divulga, porém, antes de 1410, a devoção. Nessa altura, a peste – de que S. Roque é protector – afligiu a cidade natal. E a sua famosa Universidade recorre a S. Sebastião. Não obstante S. Roque ser anti-pestífero! E exactamente de Montpellier”... E “especializado”, ao contrário de S. Sebastião, este com uma luta repartida por três frentes muito amplas: fome, peste e guerra...

O culto de S. Roque difunde-se a partir de 1414, por obra do Concílio de Ferrara, que faz apelo à sua intercessão contra a peste que ia ameaçando o decorrer das suas sessões. Depois, revigora-se: uma parte das relíquias do santo vai para Veneza, em 1485, como talismã contra as epidemias a que o frenético porto de mar se expunha nas relações comerciais com o Oriente, berço de tantos males e de muitos contágios. Os Papas sublinham o valor de S. Roque, ao inscreverem o seu nome no martirologio romano (Gregório XIII) e no catálogo oficial dos santos da Igreja (Urbano VIII). O teatro, na linha dos milagres da Idade Média, toma, como fonte de inspiração, as vicissitudes heróicas e os efeitos taumatúrgicos da sua presença benéfica. As epidemias frequentes – tenhamos na lembrança as de 1630 e 1720 – incentivaram o recurso ao homem de Deus e à sua intercessão tão especializada.

A partir de França e de Veneza, o culto chegou a Portugal. Nos começos do séc. XVI, à sua volta (...)

E, um pouco mais adiante, acrescenta o referido autor:

Por 1500, porém, havia já uma ermida da sua titularidade, em Lisboa, junto de um cemitério destinado às vítimas da peste. Em 1553, entregaram-na aos Jesuítas, que, na última parte do séc. XVI, fizeram levantar, no sítio daquela, a famosa igreja de S. Roque, recheada de arte e nimbada de recordações.

*Apesar de um certo refluxo no ateniense ao seu patrocínio sobre os homens – o conceito utilitarista da religião, com o contrapeso dos avanços da medicina serão disso responsáveis! – a devoção a S. Roque, nas aldeias, ainda se conservou durante muito tempo, pelo desvio do seu influxo salutar sobre os animais. Em 16 de Agosto, dia da solenidade do santo, o sacerdote benzia umas ervas que os lavradores metiam no penso do gado, para, como vacina, o imunizar de doenças contagiosas.*¹

No concelho de Santo Tirso, a par da de Alvarelhos, encontramos, no passado, mais três templos dedicados a São Roque: um em Santa Cristina do Couto; outro em Negrelos (São Mamede); um outro em Areias.

Todos os grandes oradores sagrados se debruçaram sobre a vida de São Roque. Não posso deixar de fazer aqui referência a um sermão, na festa de São Roque, da autoria do Pe. Manuel António Moreira, antigo pároco de Alvarelhos, datado de Agosto de 1954:

Cristãos e meus amigos:

Lê-se no Evangelho de São Mateus que em certo dia foi ter com Jesus um jovem e fez-lhe esta pergunta:

- “Mestre, que devo fazer para alcançar a vida eterna?”

Ao que o Senhor respondeu:

- “Se queres alcançar a vida eterna, salvando a tua alma, observa os mandamentos da lei”.

O jovem, contente com a resposta de Jesus, explicou:

- “Senhor, eu tenho guardado os mandamentos desde a minha infância. Preciso de fazer mais alguma coisa?”

E Jesus respondeu:

- “Olha, se queres ser perfeito, vai, vende o que tens, e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me”.

Tendo ouvido estas palavras do divino mestre, diz o evangelho, aquele jovem retirou-se triste, porque era muito rico.

Aquele jovem retirou-se triste porque não compreendeu o alcance das palavras de Jesus. Ele achou duras as palavras do mestre, porque

¹ CORREIA, FRANCISCO CARVALHO, *O Mosteiro de Santo Tirso, de 978 a 1588, Vol. I, edição da Câmara Municipal de Santo Tirso, 2009, 511 – 512.*

supôs que se não desse aos pobres todos os seus bens, não poderia entrar no céu.

Ora não foi isso que o Senhor disse. Jesus tinha-lhe dito que, para salvar a alma, ele tinha de cumprir os mandamentos.

Mas o jovem quis saber se, além dos mandamentos, ainda lhe recomendava mais alguma coisa. Por isso o Senhor lhe disse: “se queres ser perfeito...”

Por estas palavras de Jesus se vê que na sua doutrina há normas que são preceitos para todos. Há outros que são apenas conselhos. Os preceitos são para todos os (que) quiserem salvar-se. Os conselhos são apenas para aqueles que desejam atingir uma maior perfeição.

Nós sabemos pelo catecismo que os preceitos são os 10 mandamentos da lei de Deus e os 5 mandamentos da igreja.

Também sabemos pelo catecismo que os conselhos de Cristo são 3: pobreza voluntária, obediência inteita e castidade perpétua.

Assim, os ricos podem salvar-se; mas para se salvarem precisam de fazer bom uso das suas riquezas.

É de preceito a obrigação de obedecer aos nossos legítimos superiores. Mas há desobediências que são faltas graves e há-as que são faltas leves.

É de preceito guardar castidade, segundo o estado de cada um, quer dizer: as pessoas solteiras são obrigadas a guardar castidade nas palavras e nas obras, nos pensamentos e nos desejos.

As pessoas casadas têm direito ao uso do matrimónio, mas apenas segundo as leis estabelecidas por Deus. O abuso das leis do matrimónio é um pecado gravíssimo contra a castidade.

I

São Roque é uma das grandes glórias da Igreja e da França, desde os princípios do séc. XIV. Pode dizer-se que foi uma bênção vinda do céu, onde viveu apenas 43 Anos. Vida breve, mas de tão alta santidade que ainda hoje ilumina o mundo!

Seus pais eram nobres pelo sangue e ainda mais pelas suas virtudes cristãs.

Casados há quase 20 anos, uma grande mágoa os acompanhava: não haver filhinhos no seu lar que fossem os herdeiros das suas virtudes e das suas grandes riquezas.

Não cessavam de rogar ao céu com todo o fervor a graça de filhinhos para o seu lar. Já quase desanimavam, embora conformados com a vontade de Deus, quando o céu premiou as suas orações com o nosso santo.

Vindo do céu como uma bênção e como prémio das virtudes de seus pais, aquele menino soube corresponder à graça de Deus, tornando-

se desde a infância um modelo perfeito de virtudes, pela sua grande devoção a Nossa Senhora.

Aos 20 anos encontrou-se órfão de pai e mãe e, por isso, herdeiro de uma enorme fortuna.

Quando todos julgavam que ele iria brilhar em toda a França, outros eram os desígnios de Deus!

Um dia, abrindo o Santo Evangelho, deparou com aquele diálogo de Jesus com o jovem rico de que vos falei há pouco: “se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá-os aos pobres...” Uma voz interior diz-lhe que o Senhor também lhe faz o mesmo convite. E Roque, o moço mais rico da cidade de Montpellier, no Sul da França, resolve fazer-se pobre para seguir mais de perto a Jesus.

Como a lei não lhe permitia desfazer-se dos bens de raiz, apenas com 20 anos de idade, o nosso santo distribui pelos pobres todas as rendas recebidas, pede a um irmão de seu (...) que tome a seu cuidado a administração dos seus haveres, durante uma grande viagem que ia empreender, e pede-lhe que distribua pelos pobres, durante a sua ausência, todas as rendas que receber.

II

E começa agora a 2ª parte da vida do nosso santo, uma das mais maravilhosas da História da Igreja.

O rico fidalgo, tornado agora pobre peregrino, sai de França e entra na Itália para se dirigir a Roma. Numa das primeiras cidades em que entra, encontra o povo mergulhado em luto geral. Grassava ali uma peste maligna, que ia arrastando aos cemitérios famílias inteiras. O hospital da cidade estava repleto de empestados. Não havia quem tratasse deles. Roque oferece-se para esse serviço de caridade.

Recebido apenas pela necessidade de momento (pois todo o pessoal do hospital ia desaparecendo nas valas dos cemitérios, devido ao contágio da peste), Deus começa agora a realizar, por intermédio do seu fiel servo, milagres sem conta. Todos os doentes a quem Roque tratava ficavam repentinamente, maravilhosamente curados.

Foi durante largo tempo um vai-vem contínuo de doentes curados que deixavam o hospital e outros que, tocados pela peste, ali vinham procurar remédio.

Daquela cidade passou a outras e em toda a parte sucediam-se as mesmas maravilhas.

Chegou finalmente a Roma. A cidade achava-se consternada com os estragos que a peste ali fazia também. O próprio Papa Bento XI, aconselhado pelos seus familiares, preparava-se para sair da cidade, afim de escapar ao contágio.

E lá começa o nosso santo a exercer a sua missão de caridade, tratando os empestados.

Repetem-se então as mesmas maravilhas já verificadas nas outras cidades: doentes que o nosso santo tratasse ficavam imediatamente livres da peste.

Entretanto a fama dos milagres do nosso santo já se espalhara ao longe e ao largo; quando começava o flagelo da peste em qualquer parte, lá iam buscar o Servo de Deus.

Quando ele viu que lhe era impossível tratar dos empestados um por um, por haver cidades inteiras completamente atacadas pela peste, o nosso santo começou a percorrer as ruas e a abençoar as casas. Tanto bastou para que casa ou rua que ele abençoasse os seus habitantes ficassem logo livres da peste.

Entretanto Deus quis que o seu servo se exercitasse também na virtude da paciência. Estando ele na cidade de Placência tratando dos seus empestados, foi por sua vez contagiado e contraiu a doença.

Com febre altíssima e dores horríveis na perna esquerda, o Servo de Deus, recolhido no hospital, soltava gritos aflitivos que não deixavam descansar os demais doentes.

Pediu que o lançassem fora dali. Não o queriam fazer, mas ele tanto insistiu que tiveram de acabar por lhe fazer a vontade. Foi então colocado na berma da estrada.

Alguns vizinhos a quem os seus gritos incomodavam e receosos do contágio, lançaram-no fora da cidade.

Sem um queixume, antes dando graças a Deus, o nosso santo lá se foi arrastando agarrado a um pau até um bosque onde encontrou uma pequena choça onde se recolheu e esperava morrer. Porém, Deus ainda lhe reservava mais provações. Por isso fez brotar junto da choça uma nascente de água onde Roque matava a sua sede e com a qual lavava a chaga da perna doente.

O alimento também lhe foi dado por uma forma maravilhosa. Junto ao bosque havia o palácio de um rico fidalgo. Este notou um dia que, estando à mesa, um dos seus cães trepou a ela, tomou um pão e deitou a correr. No dia seguinte o cão repetiu a mesma coisa. Ao 3º dia, novamente a mesma cena. O fidalgo chamou o criado encarregado dos animais e repreendeu-o asperamente porque os animais andavam cheios de fome.

O criado nega, mas o patrão não acredita. Pela 4ª vez se repete o caso. Vão no encalço do cão e vêem-no colocar o pão na mão do pobre da choupana, que o comeu.

Vêm contar ao fidalgo o sucedido e ele vai ver o estranho habitante do bosque. Conversam longamente. Roque expõe-lhe a história da sua vida, e o fidalgo, tocado pela graça de Deus, decide-se a seguir o

exemplo de Roque, renuncia aos seus bens e honrarias e veio a ser também um santo.

Entretanto Roque ouviu no seu retiro uma voz misteriosa que lhe diz: “Roque, já estás são; volta ao teu país, onde darás novas provas da tua paciência”.

Obediente à voz do céu, Roque põe-se a caminho e chega às terras do seu antigo domínio.

Tão desfigurado estava que ninguém o reconheceu. Tomado por espião, é preso e encarcerado numa enxovia. Interrogado, não descobriu quem era. Por isso, foi julgado e condenado como espião a prisão por toda a vida.

Passou na prisão 5 longos anos, durante os quais se entregou à mais rigorosa penitência.

O carcereiro, admirado da sua paciência, ia dizendo a toda a gente que na prisão estava escondido debaixo dos andrajos daquele condenado um grande tesouro.

Aproxima-se o fim. Um anjo anuncia-lhe o dia da sua morte. O servo de Deus pede ao carcereiro que lhe chame um padre para lhe administrar os últimos sacramentos.

O padre fica maravilhado. Do corpo andrajoso e cadavérico de Roque exalava um perfume celestial e dele irradiava uma luz celestial.

O sacerdote foi dizer ao governador que naquela enxovia estava a morrer um santo. A notícia correu logo por toda a cidade. Grande multidão de povo acorre à prisão. O carcereiro abre o calabouço e vê o corpo do santo estendido no chão. Acabara de falecer. Ao fundo, numa inscrição em letras de fogo, liam-se estas palavras: “Este é o meu servo Roque, quem a ele recorrer será livre de toda a peste”.

Foram contar esta maravilha ao governador, que disse: “quem sabe? Será ele o meu sobrinho Roque, que partiu daqui há mais de 20 anos e nunca mais se soube dele?”

Foi contá-lo à avó do nosso santo, e ela disse: “meu neto Roque nasceu com um sinal no peito, parecido com uma cruz roxa. Ide ver se esse cadáver tem esse sinal.”

Verificado que de facto o cadáver tinha esse sinal, não se pode descrever a comoção que se apoderou de todo o povo ao saber que aquele cadáver era o do grande fidalgo, senhor de tantas riquezas, feito um farrapo humano aos olhos do mundo, mas estrela do céu aos olhos de Deus.

Todos queriam beijar-lhe os pés de joelhos no chão.

O governador, seu tio, ordena que se façam exéquias solenes, em que o santo cadáver foi levado em triunfo através das ruas da cidade, com grande acompanhamento de clero, nobreza e povo.

*Os santos despojos foram depositados na igreja principal da cidade. Mais tarde, foi construída uma outra em sua honra, para onde foi trasladado.*²

Neste sermão, muito ao estilo da época, dão-se as mãos os aspectos histórico-biográficos e os lendários. Realço contudo a grande beleza literária deste magnífico sermão!

Os mais velhos conhecem de cor um já antigo hino a São Roque, cantado sobretudo aquando das festas, no último domingo de Agosto. Tanto a letra como a música são da autoria do saudoso Pe. Manuel António Moreira, antigo pároco de Alvarelhos.

Refrão:

*Ó São Roque, teus devotos
Aqui vêm mais uma vez
Implorar as tuas graças
Para o povo português.*

*Diante do teu altar
Estão nossos corações;
Acolhe os nossos cantares,
Ouve as nossas orações.*

*Noutras eras, meigo santo,
Foste luz nesta colina,
A guiar os teus devotos
Pelo Sol da Lei Divina.*

*Sê ainda agora, e sempre,
Nosso guia e protector.
Encaminha nossos passos
Pelas sendas do Senhor.*

*Pelas virtudes sublimes
Que praticaste na terra,
Roga por nós ao Senhor
Que nos defenda da guerra.*

²Documento existente no Arquivo Paroquial de Alvarelhos, na secção “Homilias do Pe. Manuel António Moreira

Não sabemos ao certo quando foi construída esta igreja. Os antigos azulejos, que foram em tempos retirados selvaticamente das paredes interiores do templo, e dos quais restam alguns exemplares (que podem ser vistos no Museu de Arte Sacra de Alvarelhos), são seiscentistas. Duma coisa estamos certos: foi ainda no séc. XVI. De facto, na padieira da porta da sacristia, está gravada a seguinte inscrição:

**ESTA PORTA MA
NDOV FAZER GA
PARIOAM SENDO M
ORDOMO 1603 (e ao lado R 1936)**

Existe, na frente da porta principal do templo, um cruzeiro de granito, no sopé do qual está gravada a seguinte inscrição:

**ESTA CRVZ MÁ
DOV FAZER O
PADRE MEL C
HIOR JOÃO A
VENDO PEST
E NESTA TER
RA NO ANO D
1601**

Portugal foi fustigado por uma grande epidemia, conhecida por *peste grande*, nos anos de 1569 – 1570. Esta peste provocou milhares de mortes. Mais tarde, houve uma outra grande epidemia, mais benigna que a primeira, entre 1508 e 1603. A freguesia de Alvarelhos não escapou a esta peste. O Pe. Melchior João é, ao que tudo indica, o Pe. Melchior João dos Reis, *Reitor* de Alvarelhos e que foi também *cura* da vizinha paróquia de Guidões.³

O *Monte de São Roque*, propriedade da paróquia de Alvarelhos, foi ao longo dos tempos, um espaço aberto, uma espécie de *casa de ninguém*, tendo originado os mais variados conflitos.

Lemos na acta da reunião da Fábrica da Igreja, do dia 4 de Abril de 1973:

***“Talha (da igreja matriz) – Há uma oferta de cinco mil escudos. O Presidente ficou de informar o Sr. Bispo para autorizar a venda e posteriormente ser efectuado o leilão. Este será previsto para o primeiro sábado de Maio ou seja no dia cinco às dezasseis horas. Antes porém, seria conveniente verificar a falta de quaisquer objectos nas capelas existentes. Para tal e com vista a esse fim, a Comissão deslocar-se-á no último domingo do mês corrente. Os quadros da via-sacra serão vendidos também em leilão com a base de cinquenta escudos cada.*”**

³ Cf. Pe. SOUSA MAIA, *História de Guidões*, 85 – 86.

*(...) Caso do adro de São Roque – Depois de consultados vários advogados em referência a este assunto, a Comissão por último contactou com o Senhor Doutor Berguinha que já tendo sido consultado para o mesmo caso, ficou assente tomar conta da questão. Para o efeito, este senhor deu as indicações necessárias assim como os documentos a tratar para o referido assunto. O Presidente exporá todos os assuntos ao Senhor Bispo, aguardando deste uma resolução, uma vez não ter sido viável uma acareação a bom tempo para ambas as partes. Desta forma segundo determinação do tribunal será a satisfação da comissão de freguesia.*⁴

A Junta de Freguesia de Alvarelhos ignorava mesmo se o espaço envolvente no templo era propriedade da paróquia ou um mero logradouro público. Prova-o a seguinte carta do Presidente da Junta, endereçada ao pároco de Alvarelhos no dia 24 de Março de 1974:

A fim de respondermos à circular n.º z 205 enviada da Câmara Municipal de Santo Tirso, sobre o assunto acima mencionado (inventário de baldios), agradecia a V. Exa. nos informassem com a maior urgência possível, se o terreno onde se encontra a capela de São Roque é propriedade do Santuário ou será apenas logradouro.

Com os melhores cumprimentos

A Bem da Nação

O Presidente da Junta

*Camilo Cunha Ferreira*⁵

E, se folhearmos os livros de actas da Fábrica da Igreja de Alvarelhos, lemos que, na reunião de 3 de Dezembro de 1978, a questão do adro do templo foi motivo de discussão:

*Informou-nos Ramiro da Rocha Duarte que se devia solucionar o caso de Alberto Ferreira, de São Roque, que se vem apoderando do adro da capela, ficando de se encontrar com ele, marcando data em que esta Fábrica irá ao local estudar o problema, para ver se se evita uma demanda, com a qual ninguém lucrará. Disse também o presidente que os festeiros da última festa de São Roque não tinham ainda solvido as contas relativas ao pregador, pároco, licenças do Paço, percentagem para os Seminários, nem tão pouco a agradecer os trabalhos e a apresentar as contas. Pelo dito Ramiro da Rocha Duarte que também a verba de armação pública ainda não lhe tinham pago. Acharam bem todos que, no final do ano, poderia o presidente informar de tudo a paróquia”.*⁶

E, quase uma década mais tarde, na reunião da Fábrica da Igreja do dia 1 de Fevereiro de 1987, é dito o seguinte.

⁴ Livro de Actas da Fábrica da Igreja. Arquivo paroquial de Alvarelhos.

⁵ Documento existente no Arquivo Paroquial de Alvarelhos, na pasta “Capela de São Roque”.

⁶ Livro de Actas da Fábrica da Igreja. Arquivo Paroquial de Alvarelhos.

*(...) Anda no ar a ideia de se fazer um lavadouro público no extremo nascente do adro de São Roque, um poço e sanitários sob o coreto. O pároco mostrou que se pretende misturar interesses da Fábrica da Igreja e da Junta de Freguesia, o que (é) censurável, e que iria pôr o problema diante do Senhor Vigário-Geral.*⁷

Mais adiante, podemos ler:

*Aos vinte e quatro dias de Maio de 1987, reuniu-se este conselho da Fábrica da Igreja, e do pároco ouviu que, a seu tempo, foi concedida licença superior para a construção de um coreto, no adro da capela de São Roque, sendo os baixos apenas para a guarda de mastros, como então se prometera, porém agora os seus construtores e a Junta de Freguesia, interessados em fazer aí, na testeira nascente, um fontanário e lavadouro, cuja água se captaria no respectivo adro, beneficiando a dita capela e, ainda, os sanitários, que se projectam agora fazer sob o dito coreto. Depois de ventilado o problema, foi deliberado que este conselho concorda que se faça o fontanário-lavadouro; quanto aos baixos do coreto, devem ser reservados, apenas, para arrumos e armação dos andores, visto a capela ser pequena, e não os sanitários, porque servem, apenas, para o dia de S. Roque.*⁸

As festas em honra de São Roque, no derradeiro fim-de-semana de Agosto, tiveram início em 1960. Nesse ano, eram os seguintes os elementos que constituíam a Comissão de Festas:

*Américo Dias Moreira*⁹

António Gonçalves Quelhas

Américo Alves Moreira

Joaquim Marques da Silva.

Os juízes foram dois (ao tempo) jovens namorados, que mais tarde vieram a contrair matrimónio e que residem hoje na aldeia de São Roque:

Augusto Gonçalves Quelhas

Deolinda Moreira dos Santos.

Ao longo do último meio século, as festividades em honra de São Roque tiveram, de ano para ano e consoante as Comissões de Festas, uma programação variada. Deixo aqui, a título de exemplo, o programa dos festejos No pôr do sol do séc. XX. Nesse ano, os festejos foram nos dias 26 e 27 de Agosto:

⁷ *Idem.*

⁸ *Idem.*

⁹ *Existe, no Museu de Arte Sacra de Alvarelhos, uma grande salva de prata, na qual está gravada a seguinte inscrição “Oferta de Américo Dias Moreira a São Roque 1969”. E, a par da referida salva, uma vara de juiz, também de prata, na qual está gravada esta inscrição: “São Roque / oferta de A. D. M. / Alvarelhos / 1950”.*

Sábado 26

08 horas – Entrada do Grupo Nacional de Escutas de Lousado. Percorrerão todos os lugares da freguesia até ao pôr do sol.

22 horas – Entrada do Conjunto Musical Pentágono, de Vila Nova de Famalicão, que actuará até às 24 horas.

24 horas – Uma sessão de fogo de artifício.

00,30 horas – Segunda parte da actuação do Conjunto Musical Pentágono.

Domingo 27

08 horas – Entrada da Banda Musical de São Pedro da Cova, junto à igreja matriz.

10,30 horas – Missa solene com sermão pelo distinto orador sacro.

14,30 horas – Entrada dos Grupos Folclóricos:

Rancho Folclórico de Alvarelhos – Trofa;

Rancho Regional de Guifões – Matosinhos.

16,30 horas – Chegada do Corpo Nacional de Escutas de São Martinho do Bougado – Trofa.

16,45 horas – Recitação do terço

17 horas – Saída da procissão, que percorrerá as ruas de São Roque.¹⁰

No ano 2008, por um mero acaso (passou nesse dia por Alvarelhos para falar com o pároco sobre o Santuário de Santa Eufémia), o Prelado Portucalense – D. Manuel Clemente – presidiu à celebração da tarde e à procissão.

A fanfarra, este ano a dos Bombeiros Voluntários de Moreira da Maia, abriu caminho para a passagem das históricas nove bandeiras, do Grupo de Jovens de Santa Maria de Alvarelhos, dos cinco andores enfeitados de flores, e da grande surpresa deste ano, o Bispo do Porto D. Manuel Clemente.

Pela primeira vez na festa de São Roque, em Alvarelhos, D. Manuel Clemente, em entrevista ao NT afirmou que “esta é sempre uma boa forma de juntar as pessoas, é uma virtude ter tantas pessoas em volta de uma devoção, que é a devoção a S. Roque. O Bispo mostrou-se satisfeito com a manutenção das tradições e desta festa que já se realiza há centenas¹¹ de anos.¹²

¹⁰ Documento existente no Arquivo Paroquial de Alvarelhos.

¹¹ A jornalista confundiu a antiguidade do templo com a da realização dos festejos. Em lugar de “centenas” deveria ter escrito “dezenas”.

¹² PEREIRA, ISABEL MOREIRA, Bispo do Porto rumou a S. Roque, in *O Notícias da Trofa* (04/09/2008), 2 – 3.

Na última década do séc. XX, foi doada à paróquia de Alvarelhos uma parcela de terreno para alinhamento e ampliação do adro da igreja de São Roque. Eis o teor do documento:

No dia um de Agosto de mil novecentos noventa e quatro, na cidade de Santo Tirso e Segundo Cartório Notarial, perante mim, Licenciado Manuel Pereira de Morais, Notário do mesmo Cartório, compareceram como outorgantes:

PRIMEIROS=FELICIANO MOURA DA ROCHA e mulher, MARIA FERNANDA MAIA FERREIRA, casados em comunhão de adquiridos, ele natural da freguesia de Alvarelhos, deste concelho, onde residem no lugar de Aldeia e ela da freguesia de Guidões, deste concelho também, contribuintes números 133 154 203 e 156 277 590; e-----

SEGUNDO=PADRE AIRES CÉSAR PINTO RODRIGUES DE AMORIM, solteiro, maior, natural da freguesia de Esmoriz, concelho de Ovar e residente na freguesia de Alvarelhos, atrás referida, da qual é Pároco, que outorga em representação da “FÁBRICA DA IGREJA PAROQUIAL DA FREGUESIA DE ALVARELHOS”, pessoa colectiva 501 494 316.

Verifiquei a identidade dos outorgantes por conhecimento pessoal, bem como a qualidade e suficiência dos poderes do segundo e ainda por uma credencial emanada da Cúria Episcopal da Diocese do Porto, que arquivo, dela constando que a Fábrica da Igreja goza de personalidade jurídica nos termos da Concordata entre a Santa Sé e a República Portuguesa.

OS PRIMEIROS OUTORGANTES DECLARAM:

Que doam à representada do segundo outorgante, “Fábrica da Igreja Paroquial de Alvarelhos”, uma parcela de terreno, com a área de duzentos cinquenta sete metros e oitenta decímetros, sito no lugar de São Roque, aludida freguesia de Alvarelhos, a confrontar do norte com a donatária, do nascente com o caminho público, do sul com os doadores e do poente com Maria da Conceição de Campos Ferreira, a destacar do prédio descrito na Conservatória do Registo Predial deste concelho sob o número zero zero cento e cinquenta /onze zero zero cinco oitenta e sete, na mesma registado a favor do doador pela inscrição G-um e do inscrito na matriz rústica respectiva sob o artigo seiscentos e dois.

Que este destina-se a rectificação de extremas do adro da Capela, e sua ampliação, sito no lugar de São Roque, aludida freguesia de Alvarelhos, a confrontar do norte com caminho público, do sul Feliciano Moura da Rocha e José Moreira da Costa, do nascente com caminho público e do poente com caminho público e Maria da Conceição Campos

Ferreira, não descrito na Conservatória do Registo predial e inscrito na matriz respectiva sob o artigo seiscentos e três e que após a junção do terreno fica a confrontar do norte e nascente com caminho público, do poente com caminho público e Maria da Conceição Campos Ferreira e do sul com Feliciano Moura da Rocha e José Moreira da Costa.

Declarou, depois, o segundo outorgante que, para sua representada, aceita este contrato. Foram-me exibidos: certidão do teor das citadas descrição e inscrição prediais outra da omissão de prédio no registo predial, ambas emitidas pela aludida Conservatória em 18 de Maio e 4 de Julho últimos, respectivamente; duas certidões passadas pela Segunda Repartição de Finanças deste concelho em 23 de Maio e 10 do mesmo mês, por onde verifiquei os citados artigos matriciais.

Esta escritura foi lida aos outorgantes e explicado o seu conteúdo, em voz alta, na presença simultânea de todos eles; iniciada a folhas cem do livro de notas imediatamente anterior segundo a sua ordem numérica.

13

¹³Documento existente no Arquivo Paroquial de Alvarelhos.